



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRAL INTEGRADA DE AULAS - CIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

DIEGO ROCHA GUEDES DE ALMEIDA

MOBILIDADE SOCIAL E MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO
URBANO: A COMPOSIÇÃO DO MUNDO SOCIAL DA
“NOVA CLASSE MEDIA” EM CAMPINA GRANDE –PB

CAMPINA GRANDE, PB

2012

DIEGO ROCHA GUEDES DE ALMEIDA

MOBILIDADE SOCIAL E MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO
URBANO: A COMPOSIÇÃO DO MUNDO SOCIAL DA
“NOVA CLASSE MEDIA” EM CAMPINA GRANDE –PB

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
licenciatura plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. José Adilson Filho

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

A447m Almeida, Diego Rocha Guedes de.

Modificações do espaço urbano [manuscrito]: a "nova classe média" em Campina Grande - PB/ Diego Rocha Guedes de Almeida. – 2012. 23f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História)
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.
“Orientação: Prof. Dr. José Adilson Filho,
Departamento de História”.

1. História - Classe Média. 2. Sociologia - Mudança Social 3.
Espaço Urbano - Campina Grande/PB. I. Título.

21. ed. CDD 302.230 8

DIEGO ROCHA GUEDES DE ALMEIDA

MOBILIDADE SOCIAL E MODIFICAÇÕES NO ESPAÇO
URBANO: A COMPOSIÇÃO DO MUNDO SOCIAL DA
“NOVA CLASSE MEDIA” EM CAMPINA GRANDE –PB

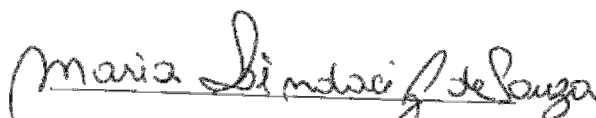
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação em
licenciatura plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em História.

Aprovada em __/__/2012



Prof. Dr. José Adilson Filho/UEPB

Orientador



Prof. Dr.ª. Maria Lindaci Gomes de Souza/ UEPB

Examinadora



Prof. Dr. Matusalém Alves de Oliveira / UEPB

Examinado

DEDICATÓRIA

O presente artigo de conclusão de curso tem caráter estritamente acadêmico, no entanto, em nada cabe à academia às dedicatórias desta minha trajetória, na medida em que aspectos outros compunham meu quadro de referências ao logo desta passagem. Por tanto dedico a ti minha inspiração, minha força, minha companhia, minha amada e admirada esposa Monalisa Ribeiro Gama este trabalho de conclusão de curso, pois só nós dois sabemos o que se passaram nessas horas, que em nada foram feitas de momentos fáceis de aceitar, em que sempre a sua ajuda foi fundamental para que eu mantivesse meus pensamentos em foco, e em muito foste o motivo para que este fosse concluído, na medida em que era uma conquista não apenas de um, mas de ambos, de um casal que planejou cada passo juntos.

Resumo

Nas últimas décadas, tem se desenvolvido uma perspectiva sobre as classes, fortemente influenciada pelo trabalho de Pierre Bourdieu, em que o escopo da análise tem sido ampliado de modo a incorporar efeitos diferenciados de padrões educacionais, gostos e estilos de vida, relações de vizinhança, dimensões emocionais e afetivas da vida social, entre outros aspectos, nas vivências de classe, aliada a perspectiva de Roger Chartier de representação. É a partir desse enfoque que pretendo nesse artigo, problematizar a constituição no Brasil do que se tem chamado de “a nova classe média” junto à uma análise do contingente populacional que experimentou forte mobilidade ascendente nos últimos dez anos. As trajetórias de mobilidade social, os universos simbólicos, os projetos de vida, as práticas de consumo e as perspectivas de acúmulo de capital cultural como parte das vivências de classe entre famílias residentes no bairro do Cruzeiro, na cidade de Campina Grande (PB), como amostra representativa de indivíduos que ascenderam à classe C nos últimos anos.

Palavras-chave: nova classe média; capital cultural; práticas de consumo

A B S T R A C T

In the last decades, it has been developing if a perspective on the classes, strongly influenced by Pierre Bourdieu work, in that the mark of the analysis has been enlarged from way to incorporate differentiated effects of educational patterns, tastes and lifestyles, neighborhood relationships, emotional and affective dimensions of the social life, among other aspects, in the class existences, allied the perspective of representation Roger Chartier. It is to leave of that focus that I intend in that article, to problematize the constitution in Brazil than it is had called of " the new middle class " close to an analysis of the population contingent that tried strong ascending mobility in the last ten years. The paths of social mobility, the symbolic universes, the life projects, the consumption practices and the perspectives of accumulation of cultural capital as part of the class existences among resident families in the neighborhood of the Cruzeiro, in the city of Campina Grande (PB), como representative sample of individuals that ascended to the class C in the last years.

Key Words: new middle class; cultural capital; consumption practices

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
REFERENCIAL TEÓRICO	17
REFERENCIAL METODOLÓGICO	21
DADOS DA PESQUISA	25
REFERÊNCIAS	26

INTRODUÇÃO

A clivagem da sociedade em classes como uma forma de estabelecer uma locação identitária para os indivíduos há muito já vem sendo discutida, na medida em que emergem questões sobre como as condições materiais de existência do homem agregam valores simbólicos¹ à sua imagem perante a sociedade em que ele vive. As leituras Karl Marx corroboram reflexões em torno dos antagonismos estabelecidos pela detenção dos meios de produção que ao longo da História do homem delineiam quadros, inserem características, criam distanciamentos. Tais antagonismos resultam em uma equação minuciosa de fatores particulares na vida dos atores sociais, aspectos cada vez mais diferenciados compõem o teor das condutas individuais no cotidiano nas grandes cidades, agrupam-se em aldeias simbólicas de comportamento coletivo, aldeias estas que no Brasil tiveram seu lugar estabelecido por décadas, solidificando seus laços de reconhecimento não-tangíveis através de um jogo de condutas não planejados, mas que eclodiam naquilo que conhecemos como “uma conduta de classe”.

Na década de 1970, com o lançamento do livro *A distinção: crítica social do julgamento*, Bourdieu promoveu uma revolução nas pesquisas empreendidas pelos estudiosos que lançavam olhares sobre as classes sociais. Recorrendo aos conceitos de espaço social, habitus² (ou disposições), volume de capital, entre outros, Bourdieu (2007) desafiou as teorias tradicionais utilizadas para se pensar os processos de estratificação social ao mostrar que diferentes combinações de capital cultural e econômico influenciam a constituição de uma multiplicidade de classes sociais. E, conseqüentemente, há uma produção diferencial de identidades sociais a partir do pertencimento a classes distintas.

A partir de então, desenvolveu-se uma nova sociologia das classes, em que o escopo da análise tem sido ampliado de modo a incorporar efeitos diferenciados de padrões educacionais, gostos e estilos de vida, relações de vizinhança, dimensões

¹ A presente referência faz menção a classificação estabelecida por Pierre Bourdieu, em sua obra *A distinção: crítica social do julgamento* (2007)

² Entendo este termo como condição modeladora de sociabilidade, entendida por Bourdieu como a trajetória de conduta de um indivíduo que aprende algo durante sua vida social

emocionais e afetivas da vida social, entre outros aspectos, nas vivências de classe (HEBSON, 2009). Processo que tem sido chamado de “culturalização”, que leva em conta o processo histórico de construção de identidade das classes e que destaca a importância da cultura no entendimento da estratificação e identidade (HEBSON, 2009; MOORE, 2008), em oposição aos enfoques estatísticos e economicistas predominantes no passado na própria sociologia e ainda muito influentes na economia e na reflexão sobre políticas públicas (SOUZA, 2010).

É a partir dessa nova sociologia das classes, construída por Bourdieu, em consonância com a perspectiva cunhada por Roger Chartier, de história cultural em torno de práticas e representações, que acaba por ser apresentado como resposta à insatisfação ante a história das mentalidades e à história serial com noções quantitativas produzidas na França entre 1982 e 1986. Este artigo, pretende problematizar a constituição no Brasil do que se tem chamado de “a nova classe média” (Neri, 2008) na medida em que existem importantes repercussões em termos das conexões entre transformações no espaço urbano em que residem as famílias que experimentaram essa mobilidade e nas formas de sociabilidade nestas áreas, em que formas urbanas e modos de vida são testemunhas simbólicas e materiais de dinâmicas de mudança social. Neste sentido proponho uma análise destas conexões, tomando como referência empírica as transformações no espaço urbano, nos modos de vida e na economia simbólica dos bairros do Presidente Médici e Cruzeiro, na cidade de Campina Grande, Paraíba.

A partir de um modelo de estratificação social fundado na análise de dados estatísticos relativos ao potencial de consumo, em que se classificam as classes em E, D, C, B2, B1, A2, A1 – em que a classe C é considerada a classe média (NERI, 2008, p. 23-24), constatou-se, em 2008, que a classe média brasileira (a classe C ou a nova classe média) representaria 51,89% da população brasileira (com viés ascendente), enquanto que em 2002 este mesmo contingente populacional representava 44,19%. As classes A e B somadas representavam em 2008 15,52% (12,99% em abril de 2002) do total da população e as classes D e E 32,59% (42,82% em abril de 2002) (NERI, 2008).

A parcela da classe C subiu 22,8% de abril de 2004 a abril de 2008 e as classes A e B, 33,6%. A faixa C compreende as famílias com renda mensal entre os R\$ 1064,00 e R\$ 4561,00. Neri (2008) defende que a classe C é a classe média no sentido estatístico, mesmo que seja chamada de classe média baixa. E, sendo assim, a classe C

seria a imagem mais próxima da sociedade brasileira, e sua ampliação estaria associada à redução da desigualdade e da miséria no país.

O sociólogo Jessé Souza, em entrevista ao jornal Folha de São Paulo, afirmou ser um erro falar que existe uma nova classe média no Brasil. Seus argumentos reproduzem os fundamentos da nova sociologia das classes. Para ele:

“Ainda que a renda seja um componente importante do pertencimento de classe, pessoas muito diferentes podem ter renda semelhante. Para que possamos explicar e compreender uma realidade social complexa é necessário penetrar na dimensão mais recôndita das motivações profundas do comportamento social e nos dramas, sonhos, angústias e sofrimentos humanos que elas implicam.”

E, ainda para Jessé Souza:

“Não nego que tenha havido a ascensão social de 30 milhões de brasileiros nem que esse fato seja extremamente importante e digno de alegria. O que questiono é a leitura dessa classe como uma classe média. A classe média é uma das classes dominantes em sociedades modernas como a brasileira porque é constituída pelo acesso privilegiado a um recurso escasso de extrema importância: o capital cultural nas suas mais diversas formas. Seja sob a forma de capital cultural técnico, como na "tropa de choque" do capital (advogados, engenheiros, administradores, economistas etc.), seja pelo capital cultural literário dos professores, jornalistas, publicitários etc., esse tipo de conhecimento é fundamental para a reprodução e legitimação tanto do mercado quanto do Estado.”

Os brasileiros que experimentaram mobilidade social no Brasil, para Jessé Souza, seriam parte de outra classe, que ele chama de batalhadores (Souza, 2010).

Ainda em sua entrevista ao jornal Folha de São Paulo, defendeu que:

“A vida dos "batalhadores" é (...) marcada pela ausência dos privilégios de nascimento que caracterizam as classes médias e altas. E, quando se fala de "privilégios de nascimento", não se está falando apenas do dinheiro transmitido por herança de sangue nas classes altas. Esses privilégios envolvem também o recurso mais valioso das classes médias, que é o tempo. Afinal, é necessário muito tempo livre para incorporar qualquer forma de conhecimento técnico, científico ou filosófico-literário valioso. Os batalhadores, em sua esmagadora maioria, precisam começar a trabalhar cedo e estudam em escolas públicas muitas vezes de baixa qualidade. Como lhes faltam tanto o capital cultural altamente valorizado das classes médias quanto o capital econômico das classes altas, eles compensam essa falta com

extraordinário esforço pessoal, dupla jornada de trabalho e aceitação de todo tipo de superexploração da mão de obra.”

Não é o caso, nesse artigo, entrar no debate acerca da maneira mais apropriada de classificar a parcela da população que ascendeu nos últimos anos para a classe C. Particularmente, não parece adequado qualificá-las por “batalhadores”, como sugere Jessé Souza, pois se trata de termo carregado de julgamentos morais – positivos e negativos. Mas, principalmente, por não considerar a mobilidade social como um processo dinâmico, que reconstitui permanente o significado de pertencimento a determinadas classes sociais. Ser de classe alta ou de classe média nos dias atuais não é o mesmo que pertencer a estas mesmas classes há 30, 70 ou 150 anos. Mas as reflexões iniciadas por Jessé Souza são importantes em muitos aspectos, ao enfatizar, principalmente, a posse de capital cultural como elemento distintivo das vivências de classe e as maneiras pelas quais são construídos e colocados em prática projetos de vida e visões de mundo.

Jogando estes conceitos em um quadro geral histórico somos capazes de observar, sem maiores esforços, como este conceito de classe social flutuou por uma série de perspectivas, com atenção especial sobre aquilo que se denominou de “classe média”, composta por uma mescla de fatores, desde, e primordialmente, de seu poder aquisitivo à questões mais subjetivas que eclodiam deste fator primeiro, como seu modo de agir em sociedade expresso por uma série de condições distintivas.

A classe média Brasileira viveu seu “apogeu” durante o período de ditadura militar, contribuindo para um quadro geral chamado de o “milagre econômico” criando um mar de aspectos distintivos, arrogando à si uma série de condições que à colocava como uma classe estabelecida. Um Opala Diplomata, uma TV de mais de 20” colorida, uma linha telefônica, uma enciclopédia Barsa, objetos que definiam pela vizinhança uma imagem coletiva que lhe assegurava o prestígio social tão ambicionando, condicionando-os à um habitus de classe.

Porém, os anos 80 trazem em si empobrecimento na economia brasileira resultante dos baixos índices de crescimento econômico do país e das reformas neoliberais realizadas que seguiram ocorrendo durante os anos 90 por meio da abertura comercial e produtiva do país. Por todo o território diversas fontes de capital econômico desta camada da sociedade começa a cair em ruínas, empresas são fechadas e milhares

de pessoas perdem seus empregos, obviamente levando estes dados de maneira demasiadamente superficial apenas com um fim ilustrativo que demonstra uma carreira percorrida por esta classe no decorrer da história do Brasil. É neste ponto que uma serie de questões podem ser elaboradas, onde nem sempre as respostas são claras e diretas, como por exemplo: Se existiam, a *priore*, ao menos dois fatores que determinavam essa dita classe média, o poder aquisitivo e aspectos distintivos que emanavam dele, construindo um *Ethos*³ subjetivo de comportamento, este *Ethos* já estabelecido desapareceria com a falência do poder aquisitivo em questão? Ou este primeiro, o poder aquisitivo, era a mola propulsora para a criação de novo *Ethos*?

Seguindo os passos de Boltanski e Chiapello (2009), por analogia⁴, o presente artigo considera que é urgente realizar um esforço no sentido de apreender o espírito dessa nova classe C (ou dos indivíduos que passaram a integrá-la recentemente), ou seja, “a ideologia que justifica o engajamento” em formas de vida particulares e que permite o acesso do analista aos mundos sociais em que suas vivências de classe tornam-se significantes. É preciso, portanto, apreender os mecanismos de “mobilização ideológica”. Isso quer dizer prestar atenção à constituição simbólica – em termos individuais e coletivos – de referentes que dão significado às experiências vivenciadas, que legitimam certas práticas e visões de mundo e que informam as maneiras pelas quais nos posicionamos e somos posicionados no universo social.

Estudos apontam (ALLEN, POWELL, CASEY e COWARD, 2007) que o lugar de moradia é um importante elemento na constituição simbólica das classes sociais, ressaltando a importância de se estudar bairros “marginais” de classe média (em oposição aqueles bairros de classe média mais tradicionais ou já constituídos como bairros elegantes, como os condomínios fechados). Nesta direção, o presente artigo foi baseado no acompanhamento de 15 famílias, residentes em um mesmo bairro da cidade de Campina Grande (PB), o bairro do Cruzeiro, onde cada uma delas pode relatar suas vivências de mobilidade social, com suas próprias palavras por meio de seus relatos de vida. Não são poucos os bairros nesta cidade que apresentam marcas físicas da ascensão social das pessoas que vivem neles: reformas das residências, abertura e ampliação de

³ Esta “ética” faz referencia ao trabalho de Max Weber, A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo, quando o autor demonstra que deve existir uma forma de conduta pessoal que tenham afinidades eletivas com a sociedade em que esta inserido.

⁴ Boltanski e Chiapello estão, na verdade, interessados em apreender o novo espírito do capitalismo, ou seja, “a ideologia que justifica o engajamento no capitalismo”. Mas apresentam justificativas teóricas e analíticas que permitem apreender outras experiências de “mobilização ideológica”.

novos estabelecimentos comerciais e de serviços, entre outras, no entanto o bairro do Cruzeiro demonstrou inclinação particular na medida em que atraiu interesses tanto de poderes público como privados nestes últimos dez anos.

Diferentes investimentos públicos e privados têm promovido alterações significativas na feição urbana dos bairros Presidente Médici e Cruzeiro. A reforma da Avenida Juscelino Kubitschek, no bairro do Cruzeiro, concluída no ano de 2009, é um dos principais emblemas dessas alterações. A avenida foi pavimentada e foi construído um canteiro central com pista para caminhada, iluminação e a instalação de um pequeno centro comercial que abriga atividades comerciais que antes funcionavam em condições precárias em frente à Escola Estadual Raul Córdula. Esta ação pública custou mais de R\$ 6 milhões, nas três etapas de revitalização e urbanização, além da construção de uma academia popular inaugurada em 2011 na mesma avenida.

Nos últimos anos, muitos empreendimentos comerciais foram inaugurados na avenida, como panificadoras, restaurantes, bares e lojas de roupa entre outros; e na Rua João Cavalcante, no bairro do Presidente Médici, mais de 10 residências deram lugar a estabelecimentos comerciais, incorporando uma gama de elementos próprios àquele espaço construído de modo que organizam, hierarquizam social e economicamente e, sobretudo, configuram o caráter primordial da sua funcionalidade: o espaço urbano supõe redes, malhas que determinam a composição física e política do território, são eixos político-sociais em relação estrutural e funcional (FERRARA,2010, p.169).

Além dos empreendimentos comerciais, dezenas de empreendimentos imobiliários foram concluídos ou se encontram em fase de construção ou planejamento. Nos últimos 10 anos, foram construídos 8 residenciais, em que cada apartamento encontra-se avaliado entre R\$ 110 mil e R\$ 135 mil; 36 novas casas, com valores entre R\$ 120 mil e R\$ 160 mil. Um novo conjunto habitacional se estende do Bairro do Cruzeiro para fora dele, dando origem a um novo bairro chamado de Novo Cruzeiro, em fase de término, com previsão de entrega das casas para o primeiro semestre de 2013. Esses empreendimentos foram viabilizados pelos subsídios concedidos pelo governo federal através do programa Minha Casa Minha Vida.

Podemos observar o quanto é relevante essa temática na medida em que o debate sobre a emergência de uma “nova classe média” no Brasil tem contornos políticos e científicos muito significativos, mas tem sido pautado, até o momento, fundamentalmente por referentes estatísticos ou economicistas, que não dão conta da complexidade do fenômeno da mobilidade social e das vivências de classe.

O presente trabalho se insere num esforço que vem sendo realizado pelas ciências sociais no Brasil de modo a ampliar o conhecimento sobre as fortes dinâmicas de mobilidade social vivenciadas na última década, pautado em um panorama Histórico, problematizando o significado dessas transformações e contribuindo para uma reflexão empiricamente fundamentada sobre os efeitos dessas dinâmicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A noção de classe social é uma das mais importantes da sociologia e para a história quando falamos de relações políticas de forma mais ampla e clara, e sintetiza os esforços teóricos e empíricos de aprofundar nossa compreensão sobre as dinâmicas de diferenciação social que caracterizam as sociedades modernas/capitalistas. A temática da estratificação social, além disso, é de inegável interesse público e está no centro de grande parte das disputas políticas e das demandas dos grupos sociais organizados. Que na cidade de Campina Grande mostra sua feição por meio da distinção de aspectos visíveis nos bairros, por sua vez, consideramos as reformas das casas como um esforço não mais de inclinação ao conforto mais sim de criar uma cerca distintiva entre a vizinhança.

Na década de 1970, o debate sobre as classes foi fortemente impactado pela obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu, em particular após o lançamento do que para muitos é sua obra mais importante, o livro *A distinção: crítica social do julgamento*. Neste livro, Bourdieu (2007, p. 101) defende que:

“A classe social não é definida por uma propriedade (mesmo que se tratasse da mais determinante, tal como o volume e a estrutura do capital), nem por uma soma de *propriedades* (sexo, idade, origem social ou étnica – por exemplo, parcela de brancos e de negros, de indígenas e de imigrantes, etc. -, remunerações, nível de instrução, etc.), tampouco por uma cadeia de propriedades, todas elas ordenadas a partir de uma propriedade fundamental – a posição nas relações de produção -, em uma relação de causa a efeito, de condicionante a condicionado, mas pela estrutura das relações entre todas as propriedades pertinentes que confere seu valor próprio a cada uma delas e aos efeitos que ela exerce sobre as práticas.”

Para Bourdieu (2007, p. 09), todas as práticas culturais estão “estritamente associadas ao nível de instrução (avaliado pelo diploma escolar ou pelo número de anos de estudo) e, secundariamente, à origem social”:

“E nada determina mais a classe e é mais distintivo, mais distinto, que a capacidade de constituir, esteticamente, objetos quaisquer ou, até mesmo, ‘vulgares’ (...) ou a aptidão para aplicar os princípios de uma estética ‘pura’ nas escolhas mais comuns da existência humana (...). De fato, por intermédio das condições econômicas e sociais que elas pressupõem, as diferentes maneiras, mais ou menos separadas, de entrar em relação com as realidades e as ficções, de acreditar nas ficções ou nas realidades que elas simulam, estão estreitamente associadas às diferentes posições possíveis no espaço social e, por conseguinte, estreitamente inseridas nos sistemas de disposições (*habitus*) característicos das diferentes classes e frações de classe. O gosto classifica aquele que procede a classificação: os sujeitos sociais distinguem-se pelas distinções que eles operam entre o belo e o feio, o distinto e o vulgar; por seu intermédio, exprime-se ou traduz-se a posição desses sujeitos nas classificações objetivas.” (Bourdieu, 2007, p.13)

Importante no debate proposto por Bourdieu é a capacidade de converter capital econômico e capital cultural em capital simbólico, ou seja, na capacidade de impor uma visão de mundo. E, neste sentido, os sistemas simbólicos “estão predispostos a desempenhar, independentemente de nossa vontade e de nosso saber, uma função social de legitimação das diferenças sociais” (Bourdieu, 2007, p. 14).

A obra de Bourdieu é parte de um renovado campo de análise das classes sociais no campo da sociologia, que tem enfatizado a importância da cultura, das emoções e da identidade na conceitualização e no entendimento de como a classe é vivida. Uma nova sociologia das classes em que as classes sociais são apreendidas como dinâmicas, e a agenda de pesquisa contemporânea busca mapear as maneiras pelas quais as “identidades e práticas de classes são articuladas e reproduzidas através do processo cultural” (HEBSON, 2009, p. 27).

O que pode ser chamado de “culturalização” das classes (HEBSON, 2009), em oposição aos enfoques estatísticos e economicistas predominantes no passado na própria sociologia e ainda muito influentes na economia e na reflexão sobre políticas públicas (SOUZA, 2010). Ressalta-se, assim, a importância da cultura no entendimento da estratificação de classes e identidade (MOORE, 2008) e como ela se modifica ao longo da história, e neste caso específico algo ainda mais delicado, que seria como essa noção de classe mudou em um espaço Histórico tão curto.

Assim, o escopo da análise sobre as classes tem sido ampliado de modo a incorporar efeitos diferenciados de padrões educacionais, gostos e estilos de vida, relações de vizinhança, dimensões emocionais e afetivas da vida social, entre outros aspectos, nas vivências de classe. O trabalho de Bourdieu, neste contexto, tem sido

particularmente influente em prover ferramentas para explorar os modos implícitos pelos quais a situação de classe é vivida e reproduzida (HEBSON, 2009).

Alguns trabalhos têm procurado demonstrar em que medida o consumo é um recurso central na formação da identidade da classe média. O estudo de Figueiredo (2004) soma-se a um crescente número de trabalhos que analisam as classes médias brasileiras, destacando a maneira como as práticas de consumo contribuíram no passado, e continuam a fazê-lo no presente, para a formação da classe e de sua identidade.

Alguns trabalhos ressaltam, mais especificamente, o papel da cultura do consumo na conformação identitária das novas classes médias nos países emergentes, como demonstra o estudo de Mathur (2010) para o caso indiano. A autora registra a relevância crescente das práticas de consumo entre indivíduos que vivenciaram recentemente processos de mobilidade social na Índia, associado a aspirações relacionadas a certos estilos de vida considerados privilegiados.

Para Mathur (2010, p. 226), a nova classe média, como categoria, é amplamente heterogênea em termos ocupacionais e volátil em termos de prestígio social, e está envolvida em permanente competição de status, baseada no consumo e, particularmente, no consumo conspícuo.

Outro tema importante na literatura sobre classes contemporânea é a constituição de identidades de classes, na tentativa de revelar múltiplos processos identitários, com trabalhos que enfatizam vivências de mobilidade social por grupos sociais específicos como negros ou filhos da classe trabalhadora. Figueiredo (2004, p. 227-228) atesta que:

“(...) enquanto ocupavam a base da estratificação sócio-econômica, e viviam em bairros pobres, esses indivíduos [negros de classe média] não se sentiam fora de lugar e não eram vistos como tais. Situação oposta ao que ocorre quando eles passam a exercer cargos de comando, ocupar posições de destaque no mercado de trabalho, morar em bairros de classe média (...), se dirigem aos espaços sociais freqüentados pela classe média, a exemplo de bares, lojas e restaurantes e quando matriculam seus filhos em boas escolas particulares.”

Em estudo realizado entre estudantes universitários no Canadá, Lehmann (2009) procurou demonstrar como estudantes oriundos da classe trabalhadora (em primeira geração da família a chegar à universidade), em que pese as desvantagens estruturais em termos de capital econômico, social e cultural (nos termos de Bourdieu), elaboram positivamente certos valores da classe trabalhadora, tais como ética do trabalho,

maturidade, responsabilidade e experiência da vida real como meios para superar as desvantagens estruturais. O autor ressalta, porém, que essa produção de significado é vivenciada muito mais em termos de estratégias individuais do que enquanto valores coletivos ou consciência de classe.

Finalmente, um tema importante para nossa pesquisa é abordado no trabalho de Allen, Powell, Casey e Coward (2007), em que investigam o papel da vizinhança ou do local de moradia (neighbourhood) como fonte da identidade de classe média, e buscam apreender, neste contexto, a relação entre bairros de classe média “marginais” e a constituição de uma identidade deteriorada (‘spoiled identity’), nos termos de Goffman (1988). Esta construção da identidade também pode ser entendida sobre a perspectiva de Chertier ao compreender a representação como prática de construção imagética ante a sociedade, na medida em que esta sendo elaborada uma nova condição social onde as repercussões dessa mobilidade estarão profundamente ligadas as suas condições como indivíduo.

REFERENCIAL METODOLÓGICO

São muitos os desafios metodológicos envolvidos com a realização de pesquisas sobre processos de constituição de classes sociais quando se busca enfatizar elementos que não aqueles relativos à renda. Figueiredo (2004) atesta a importância do estudo das trajetórias de mobilidade social e o significado de características particulares na vivência desse processo. Decidi relacionar, neste trabalho, o estudo de trajetórias de mobilidade com vivências particulares no bairro do Cruzeiro em Campina Grande, com forte representação de indivíduos que experimentaram, na última década, mobilidade social ascendente, ingressando no que se tem chamado de classe C ou “nova classe média”.

Para Bourdieu (2007, p. 104):

“(...) a posição e a trajetória individual não são, do ponto de vista estatístico, independentes na medida em que nem todas as posições de chegada são igualmente prováveis para todos os pontos de partida: eis o que implica a existência de uma correlação bastante forte entre as posições sociais e as disposições dos agentes que as ocupam ou, o que vem a dar no mesmo, as trajetórias que levaram a ocupá-las e que, por conseguinte, a *trajetória modal* faz parte integrante do sistema dos fatores constitutivos da classe (...).”

Ao focalizar trajetórias de mobilidade social, mapeando a diversidade de trajetórias possível num determinado espaço social, nos filiamos ao que Boltanski e Chiapello (2009) chamam de “estudo das variações observadas”, em detrimento de esforços que tentam amarrar a diversidade da experiência social numa camisa de força. A regularidade emerge não da busca de uniformidade, mas da comparação teoricamente informada das variações que podemos mapear nas vivências sociais, que serão acopladas junto à relatos da História, por meio deste aspecto não tangível de compreensão podemos elaborar um complexo núcleo de informações sobre os aspectos indenitários que formaram o indivíduo em seu contexto, e como este interferiu em sua formação.

Para apresentação deste artigo foram investigadas 20 famílias ao longo do período de 1 ano e 6 meses, estas encontravam-se em diferentes estágios do ciclo familiar: famílias jovens sem filhos, famílias com filhos em idade escolar e famílias com filhos maiores de 16 anos. Assim, buscamos captar as variações observáveis nas experiências de mobilidade social nestes diferentes estágios da vida, considerando tanto a experiência familiar como um todo como de seus membros considerados individualmente: homens e mulheres; jovens e idosos; crianças em idade escolar e adultos jovens em busca de emprego ou de formação universitária; entre outros fatores de diferenciação social.

Estaremos atentos à lição oferecida por Bourdieu (2008, p. 11), na abertura de *A miséria do mundo*:

“Para compreender o que se passa em lugares que, como os ‘conjuntos habitacionais’ ou os ‘grandes conjuntos’, e também numerosos estabelecimentos escolares, aproximam pessoas que tudo separa, obrigando-as a coabitarem, seja na ignorância ou na incompreensão mútua, seja no conflito, latente ou declarado, com todos os sofrimentos que disso resultem, não basta dar razão de cada um dos pontos de vida tomados separadamente. É necessário também confrontá-los como eles o são na realidade, não para os relativizar, deixando jogar até o infinito o jogo das imagens cruzadas, mas, ao contrário, para fazer aparecer, pelo simples efeito da justaposição, o que resulta do confronto de visões de mundo diferentes ou antagônicas: isto é, em certos casos, o *trágico* que nasce do confronto sem concessão nem compromisso possível de pontos de vista incompatíveis, porque igualmente fundados em razão social.”

Para alcançar os objetivos dessa pesquisa, além do mapeamento de trajetórias de mobilidade social, buscaremos investigar, junto às 20 famílias de nossa amostra, as práticas de consumo e padrões de alocação da renda que informam estilos de vida; as visões de mundo, os sistemas de classificação que operam, os posicionamentos políticos, os projetos de vida, as experiências educacionais, entre outros aspectos. Para isso, recorreremos a uma multiplicidade de técnicas de pesquisa:

- a) A aplicação de um survey – voltado para apreender opiniões e atitudes – com todos os membros maiores de 12 anos das famílias estudadas, como porta de entrada ao universo estudado, incluindo um conjunto de variáveis independentes (sexo, idade, formação escolar, profissão, entre outras) que permitirão ainda uma caracterização geral da população estudada.
- b) Realização de entrevistas gravadas com indivíduos selecionados para aprofundar temas como projetos de vida, visões de mundo, posicionamentos políticos, experiências educacionais, entre outros.

A aplicação de todos estes instrumentos de pesquisa implicou a realização de pelo menos três visitas a cada família selecionada, em diferentes momentos do processo de pesquisa. A ideia é não apenas aplicar instrumentos que colem dados “frios”, mas situar estes dados nas experiências “quentes” que podemos acessar ao imergir mais longamente no universo da pesquisa. O primeiro ano da pesquisa focará principalmente na realização do trabalho de campo, oferecendo assim farto material para análises subsequentes e novos investimentos em campo para aprofundar questões específicas ou não consideradas inicialmente.

Chartier vem contribuir na construção deste artigo na medida em que supõe a existência de categorias que organizam e constroem a representação do real como uma prática social, tal percepção do real não é um processo objetivo e transparente, mas, ao contrário, é determinado por categorias partilhadas por determinado grupo social, neste caso específico ela se transforma quando o grupo em questão sobre uma mobilidade social, e as modificações que realizam em suas casas, suas investidas em termos de solicitações públicas para modificações no espaço urbano que representem sua nova organização de mundo social, as quais permitem entender, classificar e atuar sobre o real. Tais categorias configuram uma instituição social, na medida em que são dados ligados a grupos sociais, os quais buscam atender a interesses específicos. O resultado é que a representação do real que tende a justificar e a legitimar um determinado lugar social e ao mesmo a própria representação aí em jogo. Toda representação social aspira à hegemonia: ela busca se impor aos demais grupos sociais, submetendo a estes últimos os seus valores e conceitos, sendo entendido como uma forma de dominação simbólica.

Das 20 famílias utilizadas como amostra neste trabalho, 13 haviam vindo para o bairro na década de 80, nove famílias dessas 13 haviam vindo do Rio de Janeiro e São Paulo, após ter perdido seus empregos decidiram voltar para Paraíba onde tinham

familiares que facilitaram a compra de suas casas, em um dos locais mais desvalorizados da cidade o bairro do Cruzeiro, em entrevista um dos moradores ele afirmar:

“(...)aqui era uma lama só, os carros nem passavam direito(...)ninguém queria morar aqui não...Mas agente não podia fazer nada, ai agente foi ajeitando aos poucos foi organizando melhor” ENTREVISTA 002 – 03/04/2010

Na década de 90 os moradores entrevistados começaram a investir em suas moradias, e a solicitar cada vez mais melhorias para a localidade por meio da associação do bairro, conseguindo a pavimentação, em seguida a revitalização da principal avenida do bairro. A escola Djanira Tavares, localizada no bairro é um ponto forte como amostra de mobilidade no bairro, a escola ocupava no ano de, 1991, ocupava o espaço referente a uma casa onde lecionava as series iniciais, dez anos mais tarde sua proprietária adquiriu mais três casas para atender a demanda do bairro adicionando a escola o ensino fundamental II e ensino médio

DADOS DA PESQUISA

Durante a pesquisa foi possível perceber que as pessoas residentes nestes bairros percebiam como forma imprescindível de demonstrar sua ascensão a modificação da estrutura dos locais onde moravam, na medida em que seu mundo social, e seu ciclo social fora do bairro era permeado por pessoas que já estavam em bairros estabelecidos na cidade como de classe média, ambos os grupos tinham a mesma renda, mas as condições simbólicas não eram as mesmas, causando exclusão de certos ciclos dentro da sociedade mais ampla.

Isso gerou uma mobilização dos moradores do bairro para modificações na estrutura física do bairro, além da iniciativa privada de cada um para melhorar suas próprias casas, o que levou no espaço de dez anos, a modificações significativas nestes bairros. Toda essa trajetória colaborou para a construção de uma representação da realidade social daqueles moradores, construindo suas condições de sobrevivência em termos de pensamentos e atitudes que foram captados em termos de entrevista e questionário. Mostrando uma maioria de 62% feminina, casados 46% em relação à solteiros e divorciados, além de uma maioria que se considera branca 72%, onde poucos

frequentaram a universidade, apenas 23% sendo destes maioria jovens, tendo maior aversão a pessoas sem nenhuma religião 94% do que a usuários de maconha 24% na escala do que seria menos aceitável na sociedade.

Podemos encarar estes dados como formadores de uma identidade de classe na medida em que, segundo Chartier, representação é inseparável da prática: a prática é uma ação no mundo que faz reconhecer o lugar social do indivíduo. No limite, pode-se dizer que a representação, ao articular-se às práticas, implicam uma identidade social. E não existe representação dissociada da prática: é o mundo da representação que gera as práticas sociais, objetivando-se em instituições, que tendem a perpetuar a existência dos grupos social não esquecendo a dimensão histórica destes processos, posto que as significações são históricas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZEVEDO, Mario Luiz Neves de.(2003) *Espaço Social, Campo Social, Habitus e Conceito de Classe Social em Pierre Bourdieu*. Revista Espaço Acadêmico – Ano 3, Nº24
- ALLEN, C.; POWELL, R.; CASEY, R. e COWARD, S. (2007) ‘*Ordinary, the same as anywhere else*’: notes on the management of spoiled identity in ‘marginal’ middle-class neighborhoods. *Sociology*, v. 41 (2): 239-258.
- BARROS, José D’Assunção. O CAMPO DA HISTÓRIA: Especialidades e Abordagens. Ed. Vozes. pág. 76.
- BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva.(2003) *As relações entre identidade, memória e a pesquisa da história da psicologia. As relações entre identidade, memória e pesquisa da história da psicologia*. Memorandum, 4, 33-39
- BEAUD, S. e PIALOUX, M. (2005) *Etnografia operária e sociologia: a composição de uma equipe*. In: Encrevé e Lagrave (coords.), *Trabalhar com Bourdieu*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BECKER, H. S.(1977) *De que lado estamos? Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- BOLTANSKI, L. e CHIAPELLO, E. (2009) *O novo espírito do capitalismo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- BOURDIEU, P. (2007) *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk.
- BOURDIEU, P. (2008) *A miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- CHARTIER, Roger: *A historia cultural entre praticas e representações*; tradução de Maria Manuela Galhardo. -Rio de Janeiro : Bertrand Brasil ; 1990. - 244p.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*.Estud. av. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014. (Acessado dia: 10/11/2012 às 23:00)
- CUNHA, Maria Amália de Almeida. (2007) *O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica*. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 25, n. 2, 503-524

- FERRARA, Lucrécia D'Alessio. (2010) *A mobilidade como contradição do espaço urbano*. MATRIZES, Ano 4 – Nº 1: p. 165-177
- FERNANDES, F. (1959) Fundamentos empíricos da explicação sociológica. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- FIGUEIREDO, A. (2004) *Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira*. Cadernos Pagu, v. 23 (jul/dez): 199-228.
- GRÁCIO, Sérgio. (1997) *A mobilidade social revisitada*. Sociologia: Problemas e Práticas, Nº24: p.45-69
- GOFFMAN, E. (1988) Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC Editora.
- HEBSON, G. (2009) Renewing class analysis in studies of the workplace: a comparison of working-class and middle-class women's aspirations and identities. *Sociology*, v. 43 (1): 27-44.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro.(2006) Habitus e Efeitos de Disposição:Uma comparação conceitual. RBSE – Vol. 5 n. 13
- LAGO, Luciana Corrêa.(2010) *Da hierarquia de classes à organização social do espaço intraurbano: um olhar comparativo sobre as grandes metrópoles brasileiras*. Cad. Metrop., São Paulo, v. 12, n. 23, pp. 65-84
- LEHMANN, W. (2009) *Becoming middle class: how working-class university students draw and transgress moral class boundaries*. *Sociology*, v. 43 (4): 631-647.
- MATHUR, N. (2010) *Shopping malls, credit cards and global brands: consumer culture and lifestyle of India's new middle-class*. *South Asia Research*, v. 30 (3): 211-231.
- MOORE, K. S. (2008) *Class formations: competing forms of black middle-class identity*. *Ethnicities*, v. 8 (4): 492-517.
- NERI, M. C. (2008) A nova classe média. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, CPS.
- O'DOUGHERTY, M. (1998) *Auto-retratos da classe média: hierarquias de 'cultura' e consumo em São Paulo*. *Dados*, v. 41 (2).
- PEREIRA, Gilson R. de M.(2002) Espaço social e espaço simbólico: introdução a uma topologia social. *Perspectiva - Florianópolis*,v.20, n.Especial, p. 107-120,
- RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (2008) *Proximidade Territorial e Distância Social: reflexões sobre o 'efeito do lugar' a partir de um enclave urbano*. *Revista VeraCidade – Ano 3 - Nº 3*

SOUZA, J. (2010) Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora? Belo Horizonte: Editora da UFMG.